



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 16 – Ano VIII – 10/2019
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha: a compreensão dos formandos em Educação Física da UFVJM

Profª Priscila Lopes

Mestre em Educação Física pela Universidade de São Paulo – SP – Brasil
Doutoranda em Educação Física pela Universidade de São Paulo – SP – Brasil
Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – MG – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/2483943408509191>
E-mail: priscalopes@usp.br

Profª Juliana Nogueira Pontes Nobre

Mestre em Saúde, Sociedade e Ambiente pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – MG – Brasil
Doutoranda em Ciências Fisiológicas Multicêntrico pela UFVJM
Docente voluntária do Departamento de Educação Física da UFVJM – MG – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/5253898058210398>
E-mail: junobre2007@yahoo.com.br

Profª. Drª. Claudia Mara Niquini

Mestre em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES - Brasil
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais – MG – Brasil
Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – MG – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/7951679377385818>
E-mail: cauniquini@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa configura-se como um estudo de campo, de abordagem qualitativa, que buscou investigar a compreensão dos formandos em Educação Física do segundo semestre de 2018 da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) sobre aspectos relacionados à cultura popular da região. A investigação foi realizada mediante aplicação de questionário, e o tratamento das informações a partir da tabulação simples e da técnica de Análise de Conteúdo, possibilitando a organização dos dados por meio de diferentes temáticas: entendimento sobre cultura popular; conhecimento sobre a cultura popular do Vale do Jequitinhonha; formas de acesso à cultura popular da região; participação em atividades de ensino e extensão da UFVJM que abordam a cultura popular regional; participação em grupos de cultura popular. Os resultados demonstraram que os sujeitos pesquisados compreendem a cultura popular como conhecimentos e saberes representados por manifestações, expressões, costumes, valores e produtos, os quais possuem características que identificam um povo e/ou uma região, com grande potencial educativo, podendo ser modificados de acordo com o meio. A maioria conhece manifestações da região e a UFVJM é citada como uma agente produtora de cultura popular. Os eventos são os principais responsáveis pela divulgação da cultura popular e as atividades de ensino da universidade se destacam como aquelas que colocam os formandos em contato com a temática. A participação como integrante e espectador em grupos de cultura popular é relativamente baixa.

Palavras-chave: Cultura Popular. Vale do Jequitinhonha. Formação Superior. Educação Física.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como intuito compreender o conhecimento sobre aspectos da cultura popular na formação de estudantes de Educação Física (EF) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Trazer a tona o lugar de fala é essencial para compreender a importância da discussão sobre a cultura popular no ambiente universitário, assim como esclarecer as categorias de análise proposta neste artigo.

Dentre as 11 instituições de ensino superior federais de Minas Gerais (MG), a UFVJM é a única com sede na metade norte do Estado, com *Campi* localizados nas cidades de Diamantina, Teófilo Otoni, Unaí e Janaúba (BRASIL, 2017; MENDONÇA; MENDES; DEBOÇA, 2017; UFVJM, 2012).

Diversos estudos apontam importantes diferenças entre as metades norte e sul do Estado de MG, as quais refletem a simbólica dicotomização também em âmbito nacional, na qual o sul tem a imagem de progresso, enquanto o norte é denominada pela outra região como atrasada (SERVILHA, 2015).

Com 853 municípios e 12 mesorregiões, Santos (2017) apresenta diferenças de desenvolvimento significativas, que possibilita a identificação de duas grandes regiões em MG, a “Região das Minas” (Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Central Mineira, Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do Rio Doce, Oeste de Minas, Zona da Mata, Campo das Vertentes e Sul/Sudoeste de Minas) e “Região dos Gerais” (Noroeste de Minas, Norte de Minas, Jequitinhonha e Vale do Mucuri).

Tais diferenças evidenciam as carências da “Região dos Gerais”, expressas em estudos que apresentam indicadores de baixo Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) e renda média dos trabalhadores formais (renda *per capita*), alta incidência e intensidade da pobreza, maior porcentagem de população rural de MG, baixo acesso à energia elétrica, água e esgotamento sanitário, indicadores de mortalidade infantil e de desigualdades regionais elevados, dentre outros (BORGES *et al.*, 2014; CAON; MAGALHÃES; MOREIRA, 2012; FAHEL; LEITE; TELES, 2014; FARIA; SANTANA, 2016; FONSECA; GUIMARÃES; FERNANDES, 2014; PEREIRA; HESPANHOL, 2014; SANTOS, 2017).

Entretanto, na contramão dos dados que mostram a necessidade de um olhar diferenciado e especial para a condição de disparidade econômica que ainda predomina na “Região dos Gerais”, persiste a riqueza artística e cultural da localidade. Esta riqueza acaba sendo negligenciada pelos meios de comunicação que enaltecem a seca e a pobreza, cultivando nas pessoas, residentes ou não na região, o (pré)conceito de um lugar onde apenas mazelas se fazem presentes.

Sobre o Vale do Jequitinhonha, especificamente, Servilha (2015) afirma que, a partir da criação da Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha (Codevale) em 1964, a divulgação da região foi intensificada pelos meios de comunicação, em especial pelos jornais impressos. Construiu-se então, discursos de superação da miséria por agentes políticos no intuito de atrair votos. Tais discursos referentes a um Vale de miséria atraíram pesquisadores que procuraram compreender a realidade local, o que levou a disseminação, atribuindo a esta região marcas históricas com repetição de imagens da seca, de notícias da fome e de índices de pobreza.

Diante do contexto supracitado, artistas e militantes socioculturais se organizaram coletivamente para a desconstrução dos estigmas sofridos historicamente pelo sertão e da recém associação de sua região natal

exclusivamente com a pobreza, no intuito de dar um novo olhar para o Vale do Jequitinhonha. Acionando novos fatos, ideias e imagens, esses sujeitos buscavam auto-reconhecimento e qualificações valorativas da região com a intenção de mostrar “outros Vales”: o Vale da religiosidade, da agricultura familiar, da cultura afro-brasileira e indígena, da religiosidade e das mais diversas manifestações das culturas populares, tais como as folias de reis, congado, do artesanato, das benzedeadas e rezadeiras, etc. (SERVILHA 2015).

Em estudo sobre a temática, Ribeiro (2012) propõe uma reflexão que considera o significado do Vale para aqueles que vivem o seu cotidiano no trabalho, na arte, com a seca, com o sertão, com a vida integrada à natureza, que se contrapõe àqueles que enxergam este espaço apenas como objeto de estudo e como um lugar que necessita ser transformado. Observar o Vale do Jequitinhonha pela lente da cultura popular permite enxergar que o modo de vida deste lugar se associa a outros valores e riquezas, em que o parentesco, a ancestralidade e os laços de afetividade são mais significativos, onde “O *ser* é mais importante que o *ter*”, sendo a lógica mercantil algo que não condiz com os valores enaltecidos pelas comunidades dessa região (RIBEIRO, 2012; p.78).

Salientamos que não se trata de negar as dificuldades enfrentadas pela região, esconder ou ignorar a negligência dos governantes para com este espaço. Mas reconhecer concomitante a esta situação, a existência de um povo resiliente, dotado de saberes e criatividade, que expressa suas dores, suas belezas em forma de festas, cantos, danças, esculturas, etc.

Desta forma, entendemos que o conhecimento sobre a cultura popular pode ser uma importante ferramenta para o (re)conhecimento de uma região em sua totalidade, superando aspectos puramente quantitativos que identificam lugares e pessoas por meio de dados demográficos, ambientais, educacionais, de saúde, etc.

Para compreender o conceito de cultura popular, refletiremos primeiramente sobre a noção de cultura de forma ampla. Brandão (2009) cita que a cultura pode ser compreendida em duas direções. Em seu sentido pragmático, pode-se considerar que os seres humanos criam materiais (objetos, construções, etc.) por meio de ações que envolvem práticas fundamentadas por saberes diversos. São produtos do “que-fazer” humano no criar cultura. Mas o acontecer da cultura também

ocorre por meio da composição entre saberes, sensibilidades e sociabilidades com que grupos de pessoas compartilham o que vivem, criam e fazem.

Desta forma, o autor define cultura como aquilo que é e está nos atos, fatos, gestos e feitos por meio dos quais as pessoas apreendem o mundo natural e o transformam em um mundo humano, criando a si próprios como sujeitos sociais, criando seus mundos e atribuindo a estes – pessoas e mundo – algum sentido. Cultura é tanto o objeto criado pelo homem, quanto a forma como utilizá-lo, é o modo como nos comportamos em diferentes situações sociais e rituais, são as manifestações materiais e imateriais pertencentes a sistemas sociais que identificam pessoas de um determinado grupo social (BRANDÃO, 2009).

Especificamente sobre cultura popular, nos pautamos em Hall (2003), o qual acredita que qualquer estudo que se debruce sobre as culturas populares parte das transformações nas relações sociais no decorrer da história da humanidade. Para o autor, a cultura das classes trabalhadoras e dos pobres tem sido, continuamente, alvo do capital, que tem interesse na constituição de uma nova ordem social. Neste movimento, a tradição popular se constitui como um dos principais locais de resistência da busca pela “reforma” do povo (grifo do autor, HALL, 2003; p.248). Este fato fez com que a cultura popular fosse associada às questões da tradição e das formas tradicionais de vida e, este tradicionalismo, equivocadamente, interpretado como algo conservador e obsoleto.

Outros autores também se apoiam em Stuart Hall para seus estudos sobre as culturas populares e apontam as relações de domínio e subordinação como importantes para sua compreensão (ABIB, 2015; FRANKLIN; AGUIAR, 2018; PAULINO, 2015; SILVA; FALCÃO, 2016).

Paulino (2015; p.257) considera cultura popular:

[...] tanto as manifestações artísticas como a representação dos modos de vida dos segmentos populares, ou seja, daqueles desprovidos economicamente e com pouco acesso a diversos bens culturais universais. A produção simbólica desses atores são manifestações criativas ou formas narrativas próprias que demonstrem o cotidiano de tais segmentos. Os atores sociais produtores das culturas populares estão muitas vezes em situação desprivilegiada no equilíbrio de forças resultante das relações interdependentes de poder (PAULINO, 2015; p.257).

Desta forma, entendemos que a cultura popular está diretamente relacionada com as formas de viver e as produções realizadas por parte da população com

condições socioeconômicas menos favorecidas, se configurando como construções que dialogam com a realidade do povo. Estas tentam resistir às transformações impostas pela lógica de mercado que, muitas vezes, tem a intenção de interferir nos modos de ser e de viver de determinadas regiões, impondo novos hábitos com o objetivo de favorecer o consumo desenfreado.

Percebemos tais aspectos nas produções artísticas e culturais do Vale do Jequitinhonha. Alguns estudos sobre as obras originárias deste contexto citam as mazelas da região ao mesmo tempo em que evidenciam suas riquezas. Outro ponto em comum entre esses estudiosos é a percepção sobre a estreita relação que os atores produtores de arte e cultura do Vale estabelecem entre suas criações e seu cotidiano (DALGLISH, 2015; GUERRERO, 2010; LEAL; PEREIRA, 2015; LIMA, 2014; LIMA, 2015; MARQUES, 2000; MATTOS, 2007; NASCIMENTO, 2009; RAMALHO; DOULA, 2009; SERVILHA, 2015).

O estudo de Marques (2000), por exemplo, aponta que as figuras do roceiro, do canoeiro, do boiadeiro, do tropeiro, da tecedeira, da lavadeira, dentre outros ofícios, são comumente referenciadas nas canções e histórias populares, assim como também é evidenciado a consciência sobre a precariedade das condições materiais e de existência da região.

Observamos que o mesmo acontece na produção de cerâmica quando Mattos (2007) cita que as experiências de vida do Vale do Jequitinhonha são materializadas nas obras dos artistas de tal forma que faz com que seus apreciadores reflitam sobre suas representações. O autor considera que os objetos produzidos pela arte do barro se configuram não só como peças decorativas e ilustrativas referentes ao sistema cultural da região, mas como verdadeiros símbolos e documentos, uma vez que seu delineamento é baseado na experiência de viver e de enxergar a vida pelas lentes do povo do Vale.

Sendo assim, acreditamos que o contato com a cultura popular do Vale do Jequitinhonha é essencial para novas perspectivas e olhar crítico sobre informações superficiais, possibilitando uma visão mais completa sobre a realidade.

O Plano Nacional de Cultura – PCN (BRASIL, 2012), apresentado em Dezembro de 2011 pelo Ministério da Cultura, é um documento que estabelece diferentes metas para assegurar o total exercício dos direitos culturais dos brasileiros de todas as situações econômicas, localizações, origens étnicas e faixas

etárias, para a próxima década (até 2020). No que tange as instituições universitárias, o plano propõe estratégias e ações que visam universalizar o acesso dos brasileiros à arte e à cultura, qualificar ambientes e equipamentos culturais para a formação e fruição do público e permitir aos criadores o acesso às condições e meios de produção cultural (BRASIL, 2012).

Dentre elas, se propõe a articulação com as pró-reitorias de cultura e extensão de universidades públicas para o desenvolvimento de equipamentos culturais universitários, laboratórios de criação artística e experimentação tecnológica, cursos e carreiras que formam criadores e interagem com o campo cultural e artístico (BRASIL, 2012).

No âmbito da UFVJM, acreditamos que se aproximar das culturas populares do Vale do Jequitinhonha (região de abrangência do *Campus* Diamantina), principalmente por meio de ações acadêmicas, promoveria “a possibilidade de a universidade fincar pé realmente no Vale” (LEAL; PEREIRA, 2015; p.19), permitindo que seus sujeitos (re)conheçam suas riquezas e se auto reconheçam neste espaço.

Neste sentido, em busca do desenvolvimento de estratégias que ampliem o horizonte de contato da comunidade acadêmica com as diversas expressões culturais e artísticas, a Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) da UFVJM criou, em 2013, o Programa de Bolsas de Apoio à Cultura e à Arte (PROCARTE).

Este programa abrange diversos projetos de extensão e tem como principais objetivos contribuir com a formação dos discentes a partir da interação com as manifestações culturais e artísticas das regiões de abrangência da UFVJM; estimular, por meio do fazer cultural-artístico, a formação de público e a valorização dos espaços dedicados à cultura e às artes; proporcionar e incentivar o respeito às diversas manifestações culturais e artísticas em suas múltiplas funções, identificando-as, relacionando-as e compreendendo-as em seu contexto histórico; estreitar relações com agentes culturais e artistas das regiões de abrangência da UFVJM, e instituições públicas ou privadas com reconhecida experiência em artes; promover o registro, a valorização e a divulgação de expressões culturais das regiões de abrangência da UFVJM (UFVJM, 2014A).

Além disso, defendemos a ideia da inserção de elementos da cultura popular no âmbito universitário no sentido de romper com as práticas tradicionais de ensino-aprendizagem no nível superior.

Para Santos (2008), a universidade especializou-se no conhecimento científico e considerou somente este como forma de conhecimento válido, contribuindo para a desqualificação e destruição dos conhecimentos não-científicos, fato que fez desta instituição coadjuvante na marginalização dos grupos sociais que dispõem apenas desta forma de conhecimento.

Contraponto este modelo, o autor supracitado acredita que deva ser proporcionado na universidade o diálogo entre o saber científico e o humanístico, entre aquilo que a universidade produz e os saberes leigos que circulam na sociedade (populares, tradicionais, urbanos, camponeses, de outras culturas não ocidentais – indígenas, africana, etc.). Por meio de um conjunto de práticas que promovam uma convivência ativa entre os saberes científico e popular, pesquisadores, estudantes e grupos de cidadãos podem compartilhar saberes de forma que a universidade se torne um espaço público de interconhecimento.

No âmbito da EF, entendemos que os cursos da UFVJM apresentam como escopo, dentre outros, a cultura corporal, configurada por componentes curriculares como jogos e brincadeiras, capoeira, esportes, ginásticas, danças e outras que constituirão o conteúdo na perspectiva da expressão corporal como linguagem (SOARES *et al.*, 1992).

Defendemos ainda que o ensino da EF deve ter uma perspectiva crítica de educação, na concepção de que a produção do conhecimento pertence ao curso da história e, portanto, é importante reconhecer e se apropriar das manifestações e saberes corporais das culturas locais (NEIRA; GRAMORELLI, 2017).

Sendo assim, esta pesquisa teve como objetivo principal investigar a compreensão dos formando de EF da UFVJM sobre aspectos da cultura popular. Buscamos entender o conhecimento dos sujeitos sobre o conceito de cultura popular, sobre as manifestações das culturas populares da região de abrangência da UFVJM (*Campus Diamantina*) e o envolvimento deles com atividades culturais populares desenvolvidas pela universidade por meio de atividades de ensino e de extensão, e pela comunidade local.

MÉTODO

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa realizada com 23 formando dos cursos de EF (licenciatura e bacharelado) da UFVJM, que concluíram o curso no segundo

semestre letivo de 2018 (finalizado no mês de Fevereiro de 2019).

Para tanto, aplicou-se um questionário especialmente elaborado para esta pesquisa, o qual continha perguntas abertas e fechadas, sendo disponibilizado aos sujeitos pela plataforma *Google Forms*.

Dos 23 formandos, 17 responderam o questionário e passaram a compor os sujeitos da pesquisa. O estudo contou com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFVJM (parecer 3.219.290).

Os dados foram analisados pela técnica de tabulação simples para as perguntas fechadas e realizou-se a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2006) para as perguntas abertas.

Segundo Bardin (2006), a Análise de Conteúdo se refere à um conjunto de técnicas de análise de comunicações com o objetivo de descrição do conteúdo das mensagens realizada por meio de procedimentos sistemáticos que possibilitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. Nesta abordagem, os dados são codificados, classificados e categorizados, o que permite melhor organização e exame crítico do conteúdo que emerge das mensagens de interesse da pesquisa.

Após a organização dos dados, utilizou-se a análise temática, apresentada da seguinte forma (BARDIN, 2006):

- Categoria: denominada a partir dos temas que emergem da análise dos dados;
- Unidade de registro: corresponde ao segmento do conteúdo que serve de base para a categorização. No caso deste estudo, a unidade de registro adotada foi o tema definido como “a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto” (BARDIN, 2006; p.99);
- Unidade de contexto: segmentos do texto ou da mensagem que refletem o significado das unidades de registro, que no caso do nosso estudo, foram frases ou parágrafos extraídos dos documentos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Perfil dos sujeitos pesquisados

Dos 17 formandos que responderam ao questionário, 52,9% são do sexo feminino e 47,1% do sexo masculino, sendo que a maioria dos respondentes se

autodeclararam pretos e pardos (52,9%), seguidos de brancos (35,3%) e aqueles que preferem não se autodeclarar (11,8%).

Estes resultados coadunam com aqueles apresentados pela V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das Universidades Federais – 2018 (ANDIFES, 2019), que investigou estudantes de cursos presenciais de 65 instituições federais brasileiras existentes até o mês de fevereiro de 2018. Dentre o conjunto de informações levantadas pela referida pesquisa, verificamos que, assim como nos cursos de EF da UFVJM, o perfil básico dos alunos das instituições federais brasileiras é formado em sua maioria por mulheres (feminino – 54,6%; masculino 45,1%; sem declaração – 0,3%) e por pretos e pardos (51,2%), seguido de brancos (43,3%) e outras classificações (amarelos – 2,1%; indígenas – 0,9% e sem declaração – 2,5%).

A faixa etária dos formandos dos cursos de EF da UFVJM varia entre 23 e 36 anos de idade (média de 27,35 anos), sendo 47,1% dos respondentes formados em licenciatura e bacharelado em EF, enquanto 29,4% concluíram apenas o curso de bacharelado e 23,5% apenas o curso de licenciatura.

A média de idade dos discentes das instituições federais em geral é menor que dos formandos analisados, de 24,43 anos (ANDIFES, 2019). Pelo fato de muitos licenciados em EF da UFVJM retornarem à universidade para obterem a formação em bacharelado (47,1% dos respondentes), entendemos que este fato contribui para a média de idade superior encontrada no grupo pesquisado.

Verificamos também que apenas 29,41% formandos dos cursos de EF da UFVJM não são diamantinenses, e, portanto, originários de outras cidades do estado de MG (Belo Horizonte, Curvelo, Sete Lagoas e Turmalina) e 5,88% de outro estado brasileiro (Rio de Janeiro, cidade e estado).

No entanto, todos residem ou já residiram em Diamantina, sendo que os sujeitos que estão na cidade há menos tempo possuem quatro, cinco e sete anos de moradia (os demais moram em Diamantina há mais de 10 anos). Desta forma, acredita-se que o tempo de permanência dos estudantes no município é um indicativo para terem contato com alguma manifestação da cultura popular da região.

Entendimento sobre cultura popular

Sobre o entendimento acerca do conceito de cultura popular, o processo de Análise de Conteúdo nos possibilitou organizar os dados por meio de três categorias temáticas, quais sejam: “Conceito de cultura popular”; “Características da cultura popular”; “Exemplos de cultura popular”.

A primeira categoria se refere ao entendimento dos sujeitos sobre o conceito de cultura popular, que gerou quatro unidades de registro: conhecimentos e saberes; manifestações e expressões; características, costumes e valores; produto; conforme o quadro a seguir:

Quadro 01 – Categoria Conceito de cultura popular.

Categoria: Conceito de cultura popular	
Unidade de registro	Unidade de contexto
Conhecimentos e saberes	S1: “...conhecimento advindo de um povo...” S9: “Conhecimento cultural produzido por uma população...” S14: “Manifestação dos saberes de um povo”
Manifestações e expressões	S2: “manifestação feita pelo povo.” S3: “...manifestações dos povos...” S4: “...expressões culturais...” S12: “...ações/manifestações de pessoas em diferentes áreas...” S13: “...manifestação artísticas de um povo...” S16: “Manifestação culturais...”
Características, costumes e valores	S6: “Um conjunto de características, costumes e valores...” S7: “Jeitos, rotinas e costumes específicos do povo...” S8: “Hábitos comuns ... costumes tradicionais...” S15: “...costumes criados...” S17: “...costume antigo...”
Produto	S11: “Atividades/produtos oriundos da produção humana.”

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A unidade de registro “conhecimento e saber”, demonstra que os sujeitos da pesquisa entendem que a produção de conhecimento não é exclusiva à ciência, podendo também ser resultante da construção popular.

Tal entendimento corrobora Santos (2008) que considera ultrapassada a ideia de que o conhecimento científico (produzido pela universidade) seja único e superior aos outros tipos de conhecimentos (os não científicos). Desta forma, acreditamos que ao reconhecerem a cultura popular como um conhecimento ou saber, os formandos de EF apresentam um comportamento de respeito aos saberes populares, valorizando os conhecimentos de diferentes origens (NEIRA;

GRAMORELLI, 2017), fato que pode possibilitar uma atuação mais humana em sua prática profissional.

As unidades de registros “manifestações e expressões” e “características, costumes e valores” evidenciam que os sujeitos da pesquisa entendem a cultura popular tanto como um produto (algo concreto criado por alguém), quanto como uma forma de ser e viver (jeitos, hábitos, rotinas, etc.).

Esta ideia corrobora a multiplicidade de formas da cultura (BRANDÃO, 2009) e da cultura popular (PAULINO, 2015), as quais também são evidenciadas nos estudos que tratam especificamente da cultura popular do Vale do Jequitinhonha (DALGLISH, 2015; GUERRERO, 2010; LEAL; PEREIRA, 2015; LIMA, 2014; LIMA, 2015; MARQUES, 2000; MATTOS, 2007; NASCIMENTO, 2009; RAMALHO; DOULA, 2009; SERVILHA, 2015).

No entanto, a unidade de registro “produto” parece desconsiderar a especificidade da cultura popular, situando-a na mesma esfera do termo cultura de forma ampla, como um produto do “que-fazer” humano (BRANDÃO, 2009; p.717). Como visto anteriormente, o que diferencia a cultura popular é a característica de resistência do povo que a produz perante as relações de poder, de domínio e subordinação (ABIB, 2015; FRANKLIN; AGUIAR, 2018; HALL, 2003; PAULINO, 2015; SILVA; FALCÃO, 2016).

A segunda categoria se refere as características da cultura popular elencadas pelos sujeitos da pesquisa, a qual gerou quatro unidades de registro: representa uma região/povo; educativa; geracional; instável; conforme o quadro a seguir:

Quadro 02 – Categoria Características da cultura popular.

Categoria: Características da cultura popular	
Unidade de registro	Unidade de contexto
Representa uma região/povo	<p>S1: “...tradições de determinada região.”</p> <p>S4: “...representam uma região ... representam um ponto forte que caracterizam esse grupo.”</p> <p>S5: “...caracteriza ou marca aquela população.”</p> <p>S6: “...de uma determinada população/povo.”</p> <p>S7: “...de um determinado lugar.”</p> <p>S8: “...de uma determinada região, grupo de pessoas...”</p> <p>S13: “...de um povo, ou região ... experiências da sua localidade.”</p>
Educativa	S3: “...promovem educação de maneira informal...”
Geracional	<p>S3: “...gera tradição...”</p> <p>S5: “...é passada durante as gerações...”</p> <p>S10: “...é passado de geração em geração...”</p> <p>S13: “...experiências adquiridas...”</p> <p>S15: “...ao longo do tempo.”</p>

	<i>S17: "...que se passa de pai para filho."</i>
Instável	<i>S3: "...se manifestam de acordo com o seu meio cultural, transformam essa cultura e a recriam em novas manifestações culturais..."</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A questão da representatividade mencionada na unidade de registro "representa uma região/povo" foi bastante evidenciada pelos sujeitos da pesquisa.

Este dado demonstra que os formandos entendem que a cultura, independente de ser erudita ou popular, é algo que se diferencia de acordo com a região, corroborando Brandão (2009), que explica que as manifestações materiais e imateriais pertencentes a sistemas sociais identificam pessoas de um determinado grupo social.

No entanto, os sujeitos parecem desconsiderar que quando associada ao termo "popular", a cultura especifica um tipo particular de povo: "segmentos populares, ou seja, daqueles desprovidos economicamente e com pouco acesso a diversos bens culturais universais" (PAULINO, 2015; p.257), aspecto que não foi identificado nesta categoria de análise.

A unidade de registro "educativa" demonstra que os sujeitos enxergam a cultura popular como uma ferramenta com potencial formador. Mesmo mencionando a educação de maneira informal, acreditamos que este pensamento corrobora as propostas de Santos (2008) e Neira e Gramorelli (2017), que defendem que a universidade deve valorizar e promover o diálogo entre os saberes científicos e o saberes populares.

A unidade de registro "geracional" indica que os sujeitos da pesquisa compreendem a cultura popular como algo que é ensinado no decorrer dos tempos, são saberes tradicionais passados de geração à geração. A unidade de registro "instável", por sua vez, indica um entendimento sobre a capacidade de adaptação e transformação da cultura popular.

Abib (2015) atenta para o caráter híbrido da cultura popular, pois as práticas culturais não são estanques, estão presentes na contemporaneidade imersas no trânsito de influências, combinações e adaptações que geram novas estruturas, objetos e práticas à todo momento.

O que deve ser relativizado, no entanto, é o caminho entre a resistência e a manipulação das tradições (ABIB, 2015), de forma que o tradicionalismo não seja,

equivocadamente, interpretado como algo conservador e obsoleto (HALL, 2003). Ao invés disso, as memórias, tradições e identidades devem ser compreendidas como terreno de luta, onde determinados grupos sociais buscam demarcar posições e reivindicar espaço, reconhecimento, autonomia e poder (ABIB, 2015).

A terceira categoria se refere à exemplos de cultura popular elencados pelos sujeitos da pesquisa, que gerou cinco unidades de registro: cultura corporal; culinária; vestimenta; linguagem; festividades; conforme o quadro a seguir:

Quadro 03 – Categoria Exemplos de cultura popular.

Categoria: Exemplos de cultura popular	
Unidade de registro	Unidade de contexto
Cultura corporal	S1: "...dança..." S3: "...expressar corporalmente por meio de dança, jogos..." S12: "...danças folclóricas ... próprio futebol brasileiro..." S16: "...Marujada."
Culinária	S1: "...culinária..."
Vestimenta	S3: "...maneira de vestir ..."
Linguagem	S3: "...maneira de ... fala ..."
Festividades	S3: "...festas..." S12: "...carnaval..." S16: "...Marujada."

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Primeiramente, percebemos que a cultura corporal foi bastante evidenciada pelos sujeitos como exemplos de cultura popular, embora a diversidade de exemplos não tenha sido tão grande, sendo citados apenas a dança (considerando a Marujada como um tipo de dança), o jogo e o futebol.

É provável que o destaque dado à cultura corporal tenha relação com as características dos cursos de EF, os quais possuem como principal campo de conhecimento as práticas corporais produzidas pela humanidade no decorrer de sua história (SOARES *et al.*, 1992).

As unidades de registro "culinária", "vestimenta", "linguagem" e "festividades" têm relação com os costumes e formas de viver de um povo, que, assim como a cultura corporal, representam manifestações imateriais da cultura popular.

Desta forma, é possível que sujeitos da pesquisa valorizem mais a produção imaterial da cultura popular que seus produtos materiais. Assim como o povo do Vale do Jequitinhonha, para o qual "O ser é mais importante que o ter" (RIBEIRO, 2012; p.78), os formandos dos cursos de EF da UFVJM podem reconhecer a cultura

popular mais como os atos e gestos de um povo, que seus objetos.

Manifestações da cultura popular do Vale do Jequitinhonha

Sobre conhecimento acerca de manifestações da cultura popular do Vale do Jequitinhonha, que se configura como região de abrangência do *Campus* Diamantina da UFVJM, verificamos que 70,6% responderam de forma afirmativa e 29,4% de forma negativa.

Para apresentar as manifestações citadas pelos sujeitos, utilizamos um gráfico de nuvem de palavras, recurso digital que mostra o grau de frequência com que as palavras foram citadas em um texto, de acordo com a figura 01:

Figura 01 – Manifestações da cultura popular da região de abrangência da UFVJM (*Campus* Diamantina).



Fonte: Criada pelas autoras.

A figura demonstra que 29 diferentes manifestações foram citadas, sendo as mais mencionadas a Folia de Reis (cinco vezes), arte ou artesanato em barro (três vezes, agrupando os termos “artesanato em barro”, “bonecas de barro” e “cerâmica”), artesanato, capoeira, congado, Festa do Rosário, lavadeiras

(agrupando os termos “lavadeiras do Vale” e “lavadeiras do Jequitinhonha”), marujada e seresta (duas vezes cada uma).

Percebemos que dentre as manifestações mencionadas, há um conjunto de expressões que são específicas da cultura popular do Vale do Jequitinhonha, tais como: arte ou artesanato em barro; artesanato com sempre-viva; bamba da Chica, caboclinhos, congado; dança de fita; Festa do Divino; Festa do Rosário; Folia de Reis; lavadeiras de beira de rio; marujada; seresta; tamborzeiros; Vesperata (ALVES; NASCIMENTO, 2015; DALGLISH, 2015; DEUS *et al.*, 2016; GUERRERO, 2010; LEAL; PEREIRA, 2015; LIMA, 2014; LIMA, 2015; MARQUES, 2000; MATTOS, 2007; NASCIMENTO, 2009; RAMALHO; DOULA, 2009; SANTOS, 2018; SERVILHA, 2015).

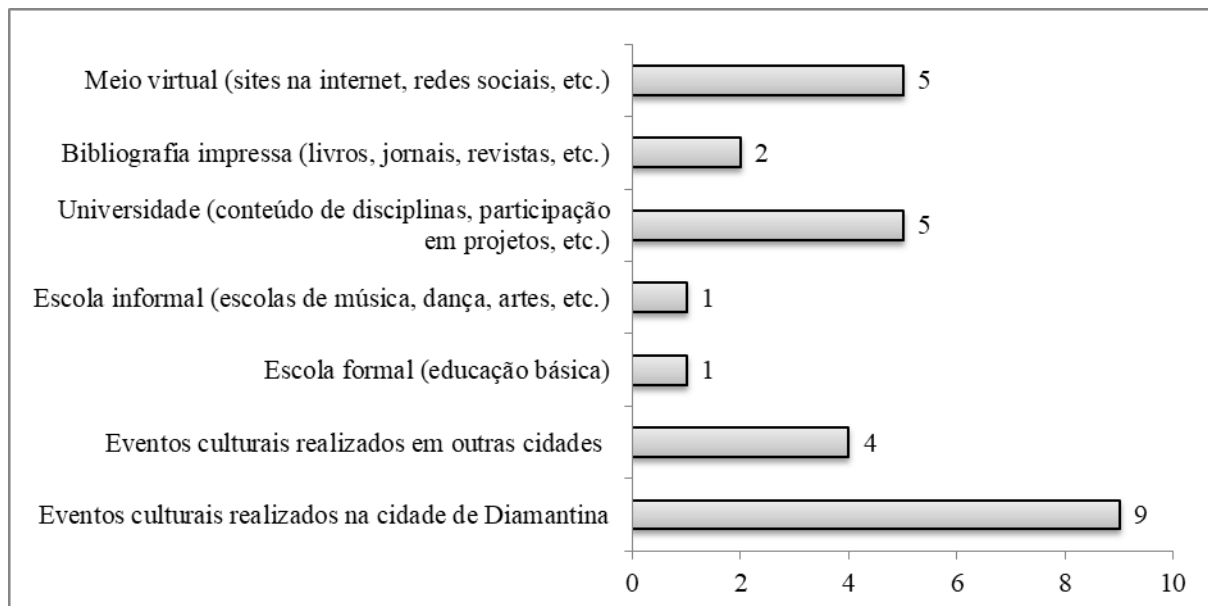
No entanto, há também aquelas que estão presentes em diferentes regiões brasileiras, mas que não caracterizam especificamente o Vale, tais como: artesanato; artesanato em palha; canções; capoeira; caratê; comida típica; coral; crochê; feiras hippies; grupos musicais; maracatu; religião. Dentre estas, destacamos o caratê, por exemplo, pois além de não ser uma manifestação específica do Vale do Jequitinhonha, não é natural do território brasileiro, sendo originária de culturas orientais.

Por fim, constatamos que os sujeitos também mencionaram manifestações produzidas pela UFVJM, tais como: coral da UFVJM, grupo de ginástica e trotão. As duas primeiras manifestações se referem à projetos de extensão da universidade e a última, à uma festa de recepção de novos estudantes, organizada pela comunidade discente da UFVJM.

Tal fato demonstra que os formandos enxergam a si mesmos e à universidade como produtores de cultura, mostrando que reconhecem o caráter híbrido da cultura popular (ABIB, 2015). Nos limites do instrumento, é possível ainda que estes sujeitos também se vejam como pertencentes às classes populares, uma vez que se colocam no papel de produtores da cultura popular, a qual é construída pelos segmentos da sociedade menos favorecidos economicamente (HALL, 2003; PAULINO, 2015).

As respostas sobre o acesso ao conhecimento dos sujeitos acerca das manifestações da cultura popular da região de abrangência da UFVJM (*Campus Diamantina*) foram sintetizadas no gráfico a seguir:

Gráfico 01: Forma de conhecimento sobre as manifestações da cultura popular do Vale do Jequitinhonha.



Fonte: Criada pelas autoras.

Esta questão apresentava oito opções (as que estão descritas no gráfico, mais a opção “outros”), sendo que os sujeitos poderiam escolher mais de uma.

Os resultados demonstram que os eventos culturais se configuram como importantes ferramentas de divulgação da cultura popular, pois esta opção (somando os eventos realizados em Diamantina ou em outras cidades) foi a que obteve maior pontuação (13). Também verificamos que a universidade, junto com o meio virtual, se destaca neste papel (cinco pontos cada).

De acordo com Brasil (2004), a acessibilidade aos bens culturais é fundamental no sentido de ampliar o acesso da população aos benefícios da cultura. Desta forma, entendemos que os eventos produzidos com apoio das esferas governamentais são importantes para a disseminação e conhecimento da população da cultura local.

Participação em projetos de extensão da UFVJM que abordam a cultura popular

Cientes sobre o papel da universidade para o acesso e/ou reconhecimento da cultura popular, perguntamos aos sujeitos se eles participam ou já participaram de

projetos de extensão da universidade que abordem questões culturais e artísticas da região.

Apenas 29,4% disseram participar de tais ações, dentre as quais foram citados Grupo de Ginástica de Diamantina – GGD (cinco vezes), projeto de dança, projeto Tecendo sonhos a sombra e a margem do Pico do Itambé e projeto Apicultura em Baú (uma vez cada).

É possível que o GGD tenha sido mais citado devido ao fato de ser um projeto de extensão do Departamento de EF da UFVJM ativo desde 2011, e vinculado ao PROCARTE desde 2013, tendo como uma de suas características desenvolver habilidades no campo das ginásticas relacionando-as com as manifestações artísticas e culturais que foram experienciadas no decorrer da vida dos seus integrantes (LOPES, 2019).

Participação em unidades curriculares da UFVJM que abordam a cultura popular

Sobre as unidades curriculares cursadas na formação superior que, dentre seus conteúdos, abordaram temas da cultura popular, obtivemos a maior parcela de sujeitos respondendo de forma positiva (70,6%) a presença deste importante tema em suas formações.

Foram citadas 18 unidades curriculares que estiveram presentes no projeto pedagógico dos cursos, dentre as quais se destacaram: Capoeira e cultura popular (seis vezes); Dança; Educação e relações étnico-raciais (quatro vezes cada); Jogos, brinquedos e brincadeiras (três vezes); Estágios; Ginástica II; História da Educação Física; Lazer e Educação (duas vezes cada).

Da mesma forma, houve referência às atividades Acadêmicas Científicas e Culturais (AACCs), que se destinam a diferentes atividades desenvolvidas ao longo do curso, com o objetivo de enriquecimento curricular, incentivando, por meio de estudos e práticas independentes e presenciais, uma formação ampliada e plural. (UFVJM-B, 2014).

Importante registrar que os sujeitos partícipes da pesquisa, são acadêmicos em formação final em EF, e que, no conjunto do escopo teórico da EF existe um forte debate no campo da cultura corporal, atravessando manifestações corporais de diferentes ordens e significados, favorecendo um repertório interessante para o

futuro profissional pensar e refletir sobre a cultura popular.

Participação em grupos de cultura popular

Por fim, perguntamos aos sujeitos se eles participam ou já participaram de algum grupo ou manifestação de cultura popular, como integrante e como espectador de forma regular.

Como integrante, apenas 17,6% responderam de forma afirmativa, apontando o GGD (três respostas) e o projeto de dança (uma resposta) como grupo dos quais fazem ou já fizeram parte.

Este dado aponta que, embora a quantidade de sujeitos que se envolvem com projetos de extensão que abordam a cultura da região seja relativamente pequena, a UFVJM parece cumprir com as metas propostas pelo PCN (BRASIL, 2012), uma vez que promove laboratórios de criação artística por meio do PROCARTE (UFVJM-A, 2014).

Como espectador, somente 23,5% responderam de forma afirmativa, apontando as seguintes manifestações: teatro, apresentações musicais ou de dança na rua, eventos universitários (congressos, encontros, etc.), apresentações do GGD, apresentações em datas específicas, Folia, Vesperata, outros eventos artísticos do Vale do Jequitinhonha (uma vez cada citação).

Mais uma vez, vemos a UFVJM cumprindo seu papel na divulgação artística e cultural, como propõe o Brasil (2012), em conjunto com os eventos realizados pelos órgãos públicos e privados da cidade de Diamantina, principalmente de forma gratuita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender o entendimento dos formandos de EF da UFVJM, do segundo semestre de 2018, sobre aspectos relacionados à cultura popular.

Os resultados demonstraram que os sujeitos pesquisados compreendem a cultura popular como saberes e conhecimentos representados por manifestações, expressões, costumes, valores e produtos. Estes possuem características que identificam um povo e/ou uma região, transmitidos por gerações e têm potencial educativo, podendo ser modificados de acordo com o meio. Os principais exemplos de cultura popular para estes sujeitos são a cultura corporal, a culinária, as vestimentas, a linguagem e as festividades.

Nota-se que, diferente do que a literatura propõe, os sujeitos pesquisados não identificam as relações de poder que permeiam a cultura popular, pois a baixa condição socioeconômica e a dificuldade de acesso a diversos bens culturais universais não foram citadas como características dos povos produtores da cultura popular.

Sobre o conhecimento acerca de manifestações das culturas populares da região de abrangência da UFVJM (*Campus Diamantina*), verificou-se que os sujeitos elencam tanto expressões específicas do Vale do Jequitinhonha, quanto aquelas que são comuns a todo o território brasileiro. Percebe-se também que algumas manifestações construídas no contexto universitário foram mencionadas pelos sujeitos, fato que demonstra que os formandos entendem a comunidade acadêmica da UFVJM como agente produtora de cultura popular.

Os eventos culturais são os principais responsáveis por este conhecimento, se configurando como importantes ferramentas de divulgação da cultura popular.

No que tange o envolvimento dos sujeitos com atividades culturais populares desenvolvidas pela UFVJM, constatou-se que as unidades curriculares são mais eficientes que os projetos de extensão, uma vez que os formandos relataram maior contato com a cultura popular por meio das atividades de ensino. É possível que este resultado tenha relação com a curricularização das ações de ensino na educação superior, enquanto a extensão ainda se apresenta como uma atividade opcional para o graduando.

Verificamos também que a participação dos sujeitos pesquisados como integrantes de grupos de cultura popular da região é menor quando comparada com a participação enquanto espectadores.

Diante do exposto, acreditamos que, embora o contato dos sujeitos pesquisados com a cultura popular do Vale do Jequitinhonha ainda seja baixo, os cursos de Educação Física da UFVJM têm cumprido seu papel no que toca a compreensão sobre esta temática.

No entanto, defendemos a proposta de que tanto as unidades curriculares quanto os projetos de extensão e pesquisa dos referidos cursos devem intensificar as relações com a cultura popular da região no sentido de aproximar seus estudantes do contexto onde estão inseridos para que se tornem profissionais sensíveis com a realidade que os cercam.

REFERÊNCIAS

ABIBI, Pedro Rodolpho Jungers. Cultura popular e contemporaneidade. **Unesp**, v.11, n.2, 2015.

ALVES, Mariana da Conceição; NASCIMENTO, Alan Faber. A construção do imaginário do turista na Vesperata diamantinense (MG): descaracterização cultural, hibridismo ou produto turístico? **Geonordeste**, v.26, n.2, 2015.

ANDIFES. V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018. **Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior**. Uberlândia, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4ª edição. Lisboa: Edições 70, 2006.

BORGES, Andressa. *et al.* **Panorama da economia mineira 2014**. Belo Horizonte: Governo de Minas Gerais-Desenvolvimento Econômico, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares. **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n.138, 2009.

BRASIL, Ministério da Cultura. **Programa Nacional de Educação, Cultura e Cidadania – Cultura Viva**. Brasília-DF, 2004.

BRASIL. **As metas do Plano Nacional de Cultura**. São Paulo: Instituto Via Pública; Brasília: MinC, 2012.

BRASIL. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

CAON, Ana Rogério Vitório; MAGALHÃES, Maria Regina Alvares; MOREIRA, Mário César Rocha. Situação da Pobreza em Minas Gerais. **Revista do Legislativo**, n.44, 2012.

DALGLISH, Lalada. Tradição e Identidade na Cerâmica Popular do Vale do Jequitinhonha. **Arte e Crítica, Jornal da abca**, n.33, 2015.

DEUS, José Antônio Souza, *et al.* Territorialidades de festas populares: espaço tempo cognitivo, conectivo e conflitivo. **Revista da ANPEGE**, 2016.

FAHEL, Murilo Cássio Xavier; LEITE, Guilherme Paiva; TELES, Letícia Ribeiro. Pobreza Multidimensional no estado de Minas Gerais: uma mensuração para além da renda. **Revista Brasileira Monitoramento e Avaliação**, n.8, 2014.

FARIA, Rivaldo; SANTANA, Paula. Variações espaciais e desigualdades regionais no indicador de mortalidade infantil do Estado de Minas Gerais, Brasil. **Saúde Soc.**, v.25, n.3, 2016.

FONSECA, Gildete Soares; GUIMARÃES, Rafael Lopes Nogueira; FERNANDES, Duval Magalhães. Norte de Minas: Migrações Intraestadual Censo Demográfico 2010. **Revista Desenvolvimento Social**, Edição Especial, 2014.

FRANKLIN, Rubem Maciel; AGUIAR, Antonio Sérgio Pontes. Cultura popular, um conceito em construção: da tradição dos românticos e folcloristas à emergência política dos estudos culturais. **História e Cultura**, v.7, n.1, 2018.

GUERRERO, Patrícia. “*Canoa não é força, é opinião*”: O Vale do Jequitinhonha contado e cantado por canoeiros. **Revista Antropológicas**, v.21, n.2, 2010.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LEAL, Juliana Helena Gomes; PEREIRA, Kênia Aparecida. O Jequitinhonha nos versos de Gonzaga Medeiros. **Revista Científica Vozes dos Vales – UFVJM**, n.8, 2010/2015.

LIMA, Camila da Costa. Produção cerâmica do Vale do Jequitinhonha: tradições, técnicas e processos. In: 23º ENCONTRO DA ANPAO – “ECOSSISTEMAS ARTÍSTICOS”. 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2014, p.2475-2488.

LIMA, Camila da Costa. Tradições, técnicas e estilos na produção cerâmica do Vale do Jequitinhonha. **Revista Digital Art&**, n.16, dez 2015.

LOPES, P. **Grupo de Ginástica de Diamantina**. Projeto submetido ao EDITAL 02/2019 – Programa de Bolsas de Apoio à Cultura e à Arte da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. 2019. Disponível em: <

https://docs.wixstatic.com/ugd/dcef48_32d75e50191744158a9a0077dc4d6fce.pdf
Acesso em: 25 jan. 2019.

MARQUES, Reinaldo. Entre o global e o local: cultura popular do Vale do Jequitinhonha e reciclagens culturais. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, 2017, 5.5: 125-140.

MATTOS, Sônia Missagia. Mãos criadoras de vida: ceramistas do Vale do Jequitinhonha. **Habitus**, v.5, n.1, 2007.

MENDONÇA, Ionice Oliveira; MENDES, Cristiane Aline Soares; DEBOÇA, Leonardo Pinheiro. Gestão por competências nas universidades federais mineiras: uma análise a partir dos planos de desenvolvimento institucional. In: XX SEMEAD: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO. 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2017, p.1-14.

NASCIMENTO, Elaine Cordeiro do. Vale do Jequitinhonha: Entre a carência social e a riqueza cultural. **Revista de Artes e Humanidades**, n.4, 2009.

NEIRA, Marcos Garcia; GRAMORELLI, Lilian Cristina. Embates em torno do conceito de cultura corporal: gênese e transformações. **Pensar a Prática**, 2017.

PAULINO, Thiago. Culturas populares: trajetórias conceituais e construções de sentido. **Revista Ambivalências**, v.3, n.6, 2015.

PEREIRA, Claudinei da Silva; HESPANHOL, Antonio Nivaldo. Região e regionalizações no Estado de Minas Gerais e suas vinculações com as políticas públicas. **Revista Formação**, n.22, v.1, 2015.

RAMALHO, Juliana Pereira; DOULA, Sheila Maria. O Jequitinhonha nas páginas do jornal Geraes: cultura e territorialidade. **Revista de Artes e Humanidades**, n.4, 2009.

RIBEIRO, Maria Teresa Franco. Arte e vida no Vale: a prontidão dos homens lentos. In: NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org.). **Vale do Jequitinhonha: cultura e desenvolvimento**. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. Do conhecimento universitário ao conhecimento pluriversitário. In: SANTOS, Boaventura de Souza.; ALMEIDA FILHO, Naomar. (orgs.). **A Universidade no século XXI: para uma universidade nova**. Coimbra: Edições Almedina, 2008.

SANTOS, Gilson Cásio de Oliveira. Entre as minas e os gerais: desigualdade espacial do mercado de trabalho. In: 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. 2017, Brasília. **Anais...** Brasília, 2017, p.1-17.

SANTOS, Lazara Aparecida Andrade. A feminilidade das lavadeiras do vale do Jequitinhonha. **Revista Memento**, 2018.

SERVILHA, M. M. **Quem precisa de região?: O espaço (divido) em disputa**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SILVA, Renata de Lima; FALCÃO, José Luiz Cirqueira. Cultura Popular: seus contornos, desdobramentos e materializações. **Rascunhos**, v.3, n.2, 2016.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992

UFVJM-A. **Regulamento do Programa de Bolsas de Apoio à Cultura e à Arte da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri**. Diamantina, MG. 18 de junho de 2014.

UFVJM-B. **Projeto Pedagógico do curso de Educação Física da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri**. Diamantina, MG. Fevereiro/2014.

UFVJM. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2012-2016 da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri**. Diamantina, MG. 2012.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 10/2019

Revista Científica Vozes dos Vales - Ufvjm - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.